

# Poemas de Manoel de Barros em Crianças, de Márcio de Camillo: uma leitura semiótica

*Poems of Manoel de Barros in Crianças, by  
Márcio de Camillo: a semiotic reading*

Tamires Dantas Pereira Cândido\* e Maria Luceli Faria Batistote\*\*

**Resumo:** Este estudo busca compreender os efeitos de sentido produzidos, em nível geral, em duas canções pertencentes a obra “Crianças” de Márcio de Camillo, na qual o cantor sul-mato-grossense musicaliza dez poemas de Manoel de Barros, escritor cuiabano dedicado a (re) significar o universo pantaneiro por meio de seu singular manejo da linguagem. Toma como embasamento os pressupostos teórico-metodológicos difundidos pela Semiótica francesa que postula como seu objeto o texto e com isso se incumbem de elucidar não somente o que ele significa, mas como essa significação se constrói. Isso é proposto por meio do percurso gerativo de sentido, constituído por três níveis: o fundamental, o narrativo e o discursivo, organizado do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto. A partir disso, a análise realizada recorre ao conceito de *isotopia*, isto é, a reincidência de *temas* e *figuras* presentes no texto, situados no nível discursivo, considerados como o seu fundamento semântico-ideológico, sendo, portanto, essencial a sua interpretação. Os resultados apontam a possibilidade de constituição de discursividades que mostram um aflorar de sentidos imbricando, mesmo no plano da utopia, uma relação eufórica do homem com a natureza.

---

\* Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/CAPES.

\*\* Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

**Palavras-chave:** Crianças. Manoel de Barros. Semiótica Discursiva. Isotopia.

**Abstract:** This study seeks to understand the effects of meaning produced, in general, in two songs belonging to Márcio de Camillo's "Crianças", in which the singer from South-Mato Grosso musicises ten poems by Manoel de Barros, a dedicated Cuiabano writer dedicated To re-signify the pantaneiro universe by means of its singular handling of the language. It takes as base the theoretical-methodological assumptions spread by the French Semiotics that postulates as its object the text and with this it is incumbent to elucidate not only what it means but how this meaning is constructed. This is proposed through the generative path of meaning, constituted by three levels: the fundamental, the narrative and the discursive, organized from the simplest and abstract to the most complex and concrete. From this, the analysis uses the concept of isotopy, that is, the recurrence of themes and figures present in the text, located at the discursive level, considered as its semantic-ideological basis, and therefore, its interpretation is essential. The results point to the possibility of the constitution of discursivities that show an outpouring of meanings overlapping, even at the level of utopia, a euphoric relationship between man and nature.

**Keywords:** Crianças. Manoel de Barros. Discursive Semiotics. Isotopia.

## Para um começo de conversa

Manoel de Barros carrega em sua trajetória artística o desenvolvimento de uma poética absolutamente singular. Por meio da ludicidade, do remanejamento realizado com a linguagem e com o vernáculo rupestre, o poeta sul-mato-grossense (re) inventa o universo pantaneiro. É peculiar em sua poesia as efemeridades da vida receberem importância crucial, tudo o que é dado como sem importância, como descartável, passado é recolhido pelo artista e transformado em matéria para poesia. Nesse sentido, a temática infância é recorrente em toda a sua obra, podendo ser considerada como um dos pilares de sua poética.

Em 2012, após anos de pesquisa, produção e gravação, o cantor e compositor sul-mato-grossense Márcio de Camillo lançou "Crianças"<sup>1</sup>, um álbum com dez poemas de Manoel de Barros musicados em que o cantor interpretou as faixas juntamente a mais de quinze crianças no vocal. Segundo o artista informa no site do projeto "Crianças", esse trabalho surgiu do desejo de reverenciar a obra do poeta por meio de sua música. O disco foi indicado

---

1 <http://www.crianças.com.br/>

como um dos três melhores álbuns infantis de 2012 pelo “Prêmio da Música Brasileira”. Além de lançar CD, o cantor inspirado nas iluminuras de Martha Barros (filha de Manoel de Barros) organizou juntamente com o diretor Luiz André Cherubini, um espetáculo teatral e musical.

Tendo em vista a repercussão do projeto, esse trabalho propõe uma análise semiótica de duas canções presentes no álbum supracitado, a saber: “O idioma das árvores” e “O silêncio branco” a partir do conceito de isotopia.

A Semiótica se qualifica como teoria que se preocupa com o sentido em todas as modalidades discursivas. Assim sendo, pode ser enquadrada ao grupo de teorias voltadas à compreensão do texto. Desse modo, pode-se depreender que a semiótica toma por objeto o texto e busca desvendar as significâncias que dele emanam com base no primado da imanência, além de esquematizar como isso ocorre.

Conforme aponta Barros (2005), para Semiótica um texto determina-se de dois modos que se completam: como objeto de significação, no qual faz-se uma análise interna ou estrutural, e como objeto de comunicação, dando privilégio à análise externa do texto. É importante ressaltar a relevância de se considerar ambas as definições como equivalentes, pois é a partir da junção entre os aspectos interiores e exteriores ao texto que se poderá chegar a uma explicação plena sobre o que o texto enuncia e como o faz.

Nesse sentido, deve-se esclarecer que com a demasiada gama de campos possíveis de serem estudados – como dança, cinema, música, publicidade, literatura – poderia presumir-se que a semiótica privilegia tudo e qualquer coisa. Todavia, uma disciplina é concebida não somente pelo objeto, mas também pelo ponto de vista a se projetar sobre ele, o que é essencial ao seu desenvolvimento (LOPES; HERNANDES, 2005).

Assim, independente do campo de atuação visitado, o interesse recai sobre os textos que se oferecem à investigação do sentido. Dessa forma, para propiciar um melhor exame de seu objeto, L. Hjelmslev propõe que o texto seja estudado, inicialmente, a partir do seu plano do conteúdo, de modo a esquivar-se das demais manifestações – gestuais, visuais, sincréticas e verbais. Com isso, a Semiótica deve ser compreendida como a teoria engajada em explicar

o/os sentidos do texto, pela investigação, primeiramente, de seu *plano do conteúdo* (BARROS, 2005). Este, por sua vez, é concebido sob a forma de um *percurso gerativo*, o qual permite a visualização de como a significação é construída internamente dentro do texto.

O percurso gerativo de sentido é, pois, uma sucessão de patamares, cada um passível de receber uma descrição apropriada, que evidencia como se produz e se interpreta o sentido, num processo que parte do mais simples ao mais complexo (FIORIN, 2002). Como forma de organização, o percurso gerativo estabelece uma hierarquia do plano do conteúdo em três patamares: o fundamental, o narrativo e o discursivo.

De acordo com Lopes e Hernandes (2005), no nível fundamental, são reconhecidos os elementos mais simples e abstratos que englobam o sentido geral do texto por meio de uma relação de afirmação e negação, permitindo assim que se faça um programa de reconhecimento das similaridades e diferenças. Assim, a sintaxe desse nível, ao utilizar esse mecanismo de oposição entre os universos semânticos do texto, faz com que surjam suas primeiras significações.

No segundo patamar, o nível narrativo, o olhar analítico se lança sobre o fazer transformador do sujeito e os estados por ele alterados. A partir do que é denominado por esquema narrativo, a semiótica possibilita averiguar, por meio da performance do sujeito, ou seja, da operação por ele realizada na narrativa, as manipulações pelas quais ele passou, as competências exigidas para executar determinada ação e, finalmente, como ele será julgado por ter feito ou não o que lhe foi proposto.

Assim, de acordo com Barros (2005), a Semiótica parte dessa visão representativa da sintaxe e apresenta duas concepções complementares de narrativa. A primeira concebe a narrativa como alteração de estados, atuada pelo fazer transformador de um sujeito que opera no e sobre o mundo na busca dos valores lançados nos objetos. A segunda concepção de narrativa, por sua vez, é idealizada como ciclo de estabelecimentos e rupturas de contratos entre um destinador e um destinatário.

Por fim, o terceiro patamar, o discursivo, subdivide-se em dois níveis: o da sintaxe o da semântica. Na sintaxe discursiva a narrativa domina os estudos relativos à colocação em discurso das categorias de pessoa, tempo e espaço. Nesse domínio os níveis anteriores são sempre atualizados e nele são investigados os efeitos de sentido de um discurso narrado em primeira ou terceira pessoa, num espaço do aqui ou do lá, num tempo passado ou presente, e quais os recursos discursivos utilizados pelo narrador para criar tais efeitos de sentido. Com a semântica discursiva, os valores trazidos no nível narrativo são difundidos no discurso de forma abstrata, por meio de percursos temáticos que, por sua vez, podem ser figurativizados, alcançando com isso maior concretude (BARROS, 2003).

## Um pouco de teoria

Para o propósito deste trabalho, elegeu-se o nível semântico-discursivo do percurso gerativo de sentido para nortear a discussão pretendida, pois propicia uma elucidação mais eficaz do *corpus* delimitado. Como já mencionado acima, a semântica discursiva reveste e, conseqüentemente, concretiza as mudanças de estado do nível narrativo e o faz pela utilização de percursos temáticos e/ou percursos figurativos. Desse modo, a tematização e a figurativização são responsáveis pela materialização do sentido.

Conforme aponta Fiorin (2002), todos os textos tematizam o percurso narrativo, porém esse nível temático posteriormente poderá ou não ser figurativizado. O autor esclarece ainda que a figura é todo conteúdo pertencente a qualquer língua natural ou a qualquer sistema de representação que possua um correlato perceptível no mundo natural efetivamente real, bem como no mundo natural construído, a exemplo pode-se mencionar os filmes de ficção científica, super-heróis, contos de fadas, entre outros.

Já o tema é uma atribuição semântica, de ordem puramente conceptual, que não alude ao mundo natural. Os temas são classes que organizam, classificam e ordenam os componentes do mundo natural, tais como o amor, a vergonha, o orgulho, a moda, a natureza, a cultura etc. Percebe-se, então, que o recobrimento temático e figurativo do discurso é uma tarefa do sujeito da enunciação que com isso reveste seu discurso de coerência semântica e

produz efeitos de realidade, assegurando a relação entre mundo e discurso (BARROS, 2002).

É importante salientar que temas e figuras não são conceitos dicotômicos, mas complementares, assim como todos os níveis do percurso gerativo de sentido. Por isso, um texto não é composto por figuras estanques, ao contrário, elas formam uma relação, numa análise textual o que tem valia é esse encadeamento de figuras, o qual é denominado por *percurso figurativo*. Desse modo, decifrar um percurso figurativo é encontrar o tema que lhe é subjacente. Para que um grupo de figuras faça algum sentido é necessário que esteja recobrando algum tema. As figuras “garças”, “brejos” e “sáurios” não fazem o menor sentido se pensadas isoladamente, contudo, se as associarmos ao tema natureza, por exemplo, é possível chegar a uma interpretação coerente. Assim como o percurso figurativo, o encadeamento de temas é denominado de *percurso temático*. Este constitui-se por um conjunto de lexemas abstratos que exprime um tema mais geral, afirma Fiorin (2002).

A recorrência desses traços semânticos – temas e figuras – no discurso é denominado *isotopia*. Esse conceito foi tomado por Greimas do domínio da físico-química em que originariamente significava “propriedade dos núclídeos que possuem o mesmo número atômico, mas cujos números de massa são distintos” (Mini Aurélio: o dicionário da Língua Portuguesa, 2010, p.442). No campo semiótico, a isotopia constitui um crivo de leitura que torna homogênea a superfície do texto (GREIMAS & COURTÉS, 1979).

Reconhecem-se dois tipos de isotopia: a temática e a figurativa. Aquela manifesta-se na recorrência de unidades semânticas abstratas em um mesmo percurso temático. Somente é possível inferir sobre o que um texto aborda a partir do reconhecimento da isotopia temática. Assim, quando lemos uma notícia e afirmamos se tratar de um assunto relativo à corrupção ou quando assistimos a um filme e identificamos ser um romance, realizamos o reconhecimento da isotopia temática. Por sua vez, a isotopia figurativa distingue os discursos integralmente recobertos por um ou mais percursos figurativos. A reincidência de rasgos figurativos, a integração de figuras semelhantes confere ao discurso o caráter da realidade ou pode criar a ilusão total do irreal, conforme Barros (2002).

É de suma importância esclarecer que as isotopias podem estabelecer relações com outras isotopias e que

A passagem de um plano de leitura a outro(s), sem que se perca a coerência do discurso, é garantida pelos *conectores* e pelos *desencadeadores* de isotopias. *Conectores* são lexemas ou sintagmas da instância da manifestação textual que podem ser lidos simultaneamente em dois (ou mais) planos isotópicos. Essa função é desempenhada, em geral, por metáforas e metonímias que, dessa forma, deixam de ser *figuras de palavras* para se tornarem *figuras de discurso*. Os conectores instalam, pois, leituras coexistentes e parcialmente concorrentes de uma mesma significação. Diferentemente dos conectores, um elemento *desencadeia* uma isotopia quando não pode ser integrado a uma determinada leitura já reconhecida, o que obriga a propor-se um novo plano isotópico (um novo plano de leitura) (LARA, s/d, p.1289).

## Traços metodológicos

Esta pesquisa orienta-se por metodologia de base qualitativo-interpretativista, eleita especialmente para a análise do *corpus*, “O idioma das árvores” e “O silêncio branco”, à luz da perspectiva proposta pela Semiótica discursiva, especificamente por meio da aplicação do conceito de isotopia.

A intenção aqui engajada é desvendar como se constroem os planos de leitura nos textos supracitados e se há neles pontos convergentes para que possa atestar a presença de isotopias e com isso comprovar que existe uma res(significação) na relação entre homem e natureza presente no *corpus* escolhido. Para isso, debruçamo-nos sobre os poemas com respaldo nos conceitos já abordados anteriormente.

## Da natureza à humanização

A canção “O idioma das árvores” é um recorte de duas estrofes do poema “Cantigas por um passarinho à toa”. O título desse poema é também o nome do livro por ele composto, uma das obras de Manoel de Barros direcionada ao público infantil. Já a canção “O silêncio branco” baseia-se no poema “A nossa garça” encontrado na obra “Livro de Pré-coisas: roteiro para uma excursão poética no Pantanal”. Seguem as canções:

## O idioma das árvores

Eu queria aprender o idioma das árvores.  
Saber das canções do vento nas folhas da tarde.  
Eu queria apalpar os perfumes do sol.  
Sentado sobre uma pedra  
No mais alto de um rochedo  
Aquele gavião se achava principal  
Mais principal do que todos  
Tem gente assim

## O silêncio branco

O silêncio branco  
A elegância e o branco devem muito as garças  
Elas chegam de onde a beleza nasceu  
As garças dormem na beira da cor  
Têm esses pernaltas a incumbência de enfeitar os brejos  
Que pode saber mais do êxtase desses sáurios  
Do que as garças  
A elegância da garça desabrochada no brejo

Percebe-se nas canções a presença marcante de alguns temas figurativizados os quais foram organizados nos quadros abaixo:

Quadro 1 – O idioma das árvores: Temas figurativizados

Temas	Figuras
Aprendizagem	“aprender o idioma das árvores [...]”
Música	“canções do vento nas folhas [...]”
Contemplação	“sentado sobre uma pedra no mais alto de um rochedo [...]”
Desejo	“queria aprender; queria apalpar [...]”
Esnobismo	“aquele gavião se achava principal [...]”
Natureza	“árvores; vento nas folhas; sol; rochedo; gavião.”
Humanização	“idioma das árvores; canções do vento nas folhas; perfumes do sol; gavião se achava principal.”

Quadro 2 – *O silêncio branco*: Temas figurativizados

<b>O SILÊNCIO BRANCO: TEMAS FIGURATIVIZADOS</b>	
<b>Temas</b>	<b>Figuras</b>
Paz	“O silêncio branco deve muito as garças [...]”
Beleza	“Elas chegam de onde a beleza nasceu [...]”
Elegância	“A elegância deve muito as garças; a elegância da garça desabrochada do brejo[...]”
Natureza	“garças; brejos; sáurios.”
Humanização	“enfeitar os brejos;, elegância da garça.”

É válido reforçar que a isotopia é encarregada da interpretação do texto, pois determina a forma como ele será lido por meio da recorrência dos temas e figuras. Assim sendo, a análise textual fundamenta-se em apurar e justificar as isotopias que conduzem sua significação global. Nas músicas aqui analisadas, as temáticas figurativizadas apontam para uma imbricação entre homem e natureza de tal forma que ambos parecem estar amalgamados por um processo de humanização dos elementos da natureza, é possível perceber isso devido ao traço /humano/ presente nas figuras “idioma”, “canções”, “perfume”, “se achava principal”, “enfeitar” e “elegância” que são atribuídos às figuras “árvores”, “vento nas folhas”, “perfumes do sol”, “gavião” e “garça” marcadas pelo traço /não humano/.

A partir disso, pode-se afirmar que as figuras com o traço /humano/ são desencadeadores de isotopias, pois não são elementos agregados a uma isotopia primeiramente alvitada (nesse caso, a isotopia da natureza assinalada somente pelo traço não humano), os quais incitam a determinação de um novo crivo de leitura. A figura “aquele gavião se achava o principal” ilustra claramente a noção de desencadeador de isotopias, já que obriga o leitor a estabelecer uma nova linha interpretativa, a isotopia do caráter, por exemplo.

Ao lermos “O silêncio branco” é possível adentrarmos imediatamente no universo figurativo erigido pelo sujeito enunciador, acessível por meio dos traços semânticos recorrentes, no plano do conteúdo, e pela repetição do processo de aliteração ao longo dos versos, no plano da expressão, com os fonemas nasais materializados nas consoantes “m” e “n”: silêncio branco, elegância, devem, dormem etc. Esse recurso prosódico rege o ritmo arrastado,

vagaroso e calmo da canção, sendo similar à essência e aos movimentos da figura garça idealizada pelo enunciador. Desse modo, traços semânticos e prosódicos homologam-se na canção contribuindo de forma determinante à construção de sua significação.

O sujeito enunciador de “O idioma das árvores” evidencia seu anseio por assemelhar-se à natureza pelo uso recorrente do verbo *querer* conjugado na terceira pessoa do singular do futuro do pretérito do modo indicativo: “Eu *queria* aprender o idioma das árvores/ [*queria*] Saber das canções do vento nas folhas da tarde/ *Queria* apalpar os perfumes do sol” (grifo nosso). O emprego desse verbo aponta ainda para a existência de um sujeito cuja competência modal marca-se por um querer-fazer, mais que isso: a reincidência discursiva desse verbo transcende o querer-fazer para um querer-ser, corroborando a aspiração humana desse sujeito por ser parte integrante da natureza.

## **Para um efeito de fim**

Os resultados da análise apontam reincidência de isotopias natureza e humanização, a partir das categorias fundamentais dos textos em análise: homem *versus* natureza. As categorias fundamentais determinadas como eufóricas (positivas) e disfóricas (negativas) se revelam na obra em questão; evidenciando-se a natureza como eufórica, e o homem em uma categoria disfórica, uma vez que o sujeito enunciador das canções é representado pelo traço humano e almeja ser carregado pelos traços /não humano/. Ou seja, o gesto de interpretação aqui realizado evidencia, mesmo no plano da utopia, que o sujeito enunciador deseja apropriar-se das identidades da natureza para constituir-se um não-homem, para ter sua identidade formada a partir das efemeridades da natureza, assinalando com isso uma (res) significação da relação entre homem e natureza.

As inferências alcançadas com base na teoria semiótica evidenciam sua eficácia em desvendar os efeitos de sentido circunscritos no discurso com base em seu primado principal: a imanência. Cabe, ainda, observar o fato das elucidacões aqui realizadas, apesar de tomarem os pressupostos difundidos pela semiótica discursiva, corroboram a marca estilística e temática de Manoel de Barros juntamente com a proposta ensejada por Márcio de Camillo de

reverenciar a obra do poeta por meio do projeto “Crianças”. Acreditamos que esse trabalho não exauriu a riqueza encontrada na obra dos artistas supramencionados, ao contrário, por meio dele é possível vislumbrar novos caminhos para pesquisa a partir de um enfoque semiótico.

## Referências

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. São Paulo: Humanitas, 2002.

\_\_\_\_\_. Estudos do discurso. In: FIORIN, José Luiz (org.). *Introdução à Linguística II: princípios de análise*. São Paulo: Contexto, 2003.

\_\_\_\_\_. *Teoria Semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 2005.

BERTRAND, Denis. *Caminhos da semiótica literária*. Tradução do Grupo CASA. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

Crianças. Disponível em: <<http://www.crianças.com.br/>>. Acesso em: 28 jan. 2016.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2002.

GREIMAS, A. J. *Semântica estrutural*. Tradução de Haquira Osakabe e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix: Edusp. 1973.

GREIMAS, Algirdas J. COURTÈS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. São Paulo, Cultrix, 1979.

LARA, Gláucia Muniz Proença. A produtividade da noção de *isotopia* na construção de sentido do texto. Disponível em:

<[http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo\\_108.pdf](http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_108.pdf)>. Acesso em 28 jan 2016.

LOPES, Ivã Carlos; HERNANDES, Nilton. *Semiótica: objetos e práticas*. São Paulo: Contexto, 2005.